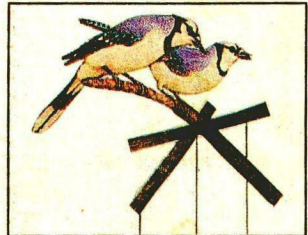


Silvio Fernando Ricardo/AE



Francis comenta a 11ª encíclica de João Paulo II. Pág. D9



Verissimo fala da admiração pelo El Conco. Pág. D8



185 *Fernando Henrique Cardoso conseguiu o melhor início de governo dos últimos 16 anos*

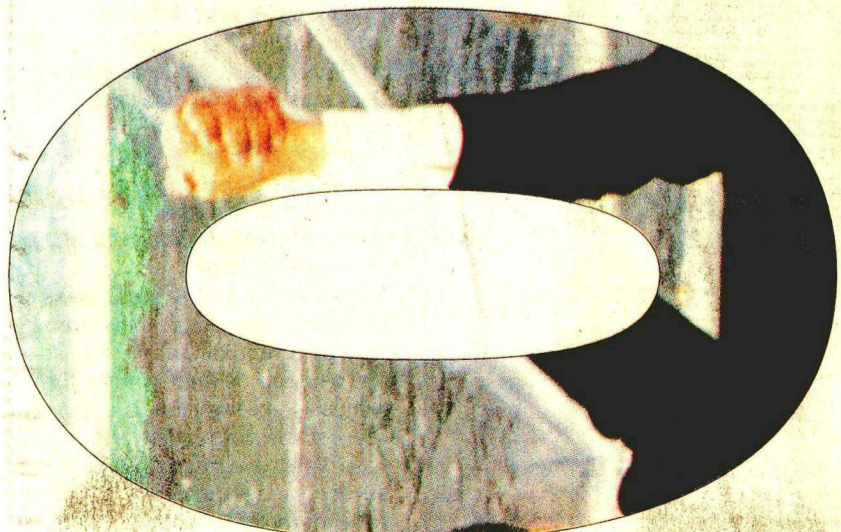
ELIO GASPARI

Carlos foi à posse de Fernando. Educado em Harvard, era considerado pela revista *Fortune* um dos 25 homens de negócios mais interessantes do mundo. "Um exemplo de seriedade, energia e firmeza", segundo John Reed, presidente do Citibank. Carlos circulou discretamente pelas festas de Brasília. Festas de terceira. O presidente eleito chegando ao Congresso num Rolls-Royce velho e inútil parecia um soba africano voltando de Londres. Seu discurso de posse, mistura desconexa de pretensão e banalidade, traía uma assessoria com mais ambição do que idéias. O jantar, um desastre. Ruth Cardoso vestia um modelo do costureiro japonês Issey Miyake (se a imperatriz Michiko aparecer numa festa em Tóquio vestindo Ocimar Versolatto, o micado se acaba e se proclama a república). Com seus olhos miúdos e vivos, careca injusta para seus 47 anos e um bigode que lhe dá uma expressão de eletrodoméstico, Carlos vivera a santidade e passava pela posse de Fernando a caminho da danação. O imperial presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, símbolo de uma nova América Latina, deixara o governo dias antes. Hoje é um morto-vivo exilado nos EUA. Aquilo que nele foi *La Modernidad* se transformou em miséria, a austeridade em roubalheira, a sabedoria econômica em impostura. A presença de Salinas na posse de FH foi um daqueles momentos da vida real dos poderosos latino-americanos que demonstram quão recatada é a imaginação da literatura fantástica.

Amanhã Fernando Henrique Cardoso completa seus primeiros cem dias de governo. Dos cinco dedos de sua mão, temas da plataforma de governo com que se elegeu — Agricultura, Educação, Emprego, Saúde e Segurança —, fez quase nada. Deu uma aula teatral na cidade baiana de Santa Maria da Vitória (para os alunos que tinham uniforme completo) e visitou um colégio na periferia de Diamantina (de onde já retiraram os telefones públicos instalados às vésperas da imperial inspeção). E mesmo assim Fernando Henrique Cardoso conseguiu o melhor início de governo dos últimos 16 anos. Itamar Franco entrou em campo com um ministério de várzea e uma política de varejo neurastênico da qual só se livraria anos depois, com o Plano Real. Cem dias depois da posse, Collor de Mello já presidia o colapso de seu projeto econômico. Sarney não teve início de governo porque assumiu uma presidência alheia e, mesmo depois da morte de Tancredo Neves, governou com o ministério mal-assombrado. Ganha de todos o general João Baptista Figueiredo, porque em 1979 gastou os primeiros cem dias costurando o projeto de anistia política que pacificaria o País.

Os cem dias de Fernando Henrique foram os melhores dos últimos 16 anos, porque ele manteve a estabilidade da moeda e desviou o País do rumo da catástrofe mexicana. Na verdade, desviou-se da catástrofe que seu projeto político e sua campanha eleitoral teceram. Elegeu-se com um Brasil que não existe mais, porque nunca existiu. Não existe um Brasil em que todo o empresariado apóia a sério um só candidato a presidente, assim como nunca existiu o Brasil das importações do ministro Ciro Gomes. Nunca existiu também um Brasil com a credibilidade do Congresso aviltada ao nível do início do ano passado. Também não existe o real mais forte que o dólar. Nem o país dos restaurantes chiques de Brasília. No Vecchia Cucina, quando alguém pede água com gás, recebe uma garrafinha de Perrier. No bar do Hotel Georges V, em Paris, o garçom não abre Perrier sem perguntar antes. No menu do Francisco (Academia de Tênis) há mais marcas de grappa do que no Alfredo de Roma.

■ Elio Gaspari continua na página D3.



ESTABILIDADE
DA NOVA
MOEDA FOI
MANTIDA